

iz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz

VIAGEM AO BRASIL **(1865-1866)**

Tradução

de

Edgar Süssekind de Mendonça

22909
21/100
N/DROVOR

ie 5.^a — BRASILIANA — Vol. 95
Biblioteca Pedagógica Brasileira



Série 5.^a
BIBLIOTECA

BRASILIANA
PEDAGOGICA

Vol. 95
BRASILEIRA

LUIZ AGASSIZ E ELIZABETH CARY AGASSIZ

Viagem ao Brasil

1865 - 1866

TRADUÇÃO E NOTAS DE

EDGAR SÜSEKIND DE MENDONÇA

Am
918.104
726.24



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre



ÍNDICE

| | PÁGINAS |
|--|---------|
| Prefácio | 9 |
| I — De Nova-York ao Rio de Janeiro | 15 |
| II — O Rio de Janeiro e seus arredores. Juiz de Fóra | 68 |
| III — Estadia no Rio de Janeiro (continuação). Vida de fazenda | 116 |
| IV — Do Rio de Janeiro à cidade do Pará | 171 |
| V — Do Pará a Manaus | 200 |
| VI — Estadia em Manaus. De Manaus a Tabatinga. | 243 |
| VII — Em Tefé | 269 |
| VIII — Volta a Manaus. Um passeio campestre no Amazonas | 313 |
| IX — Manaus e seus arredores | 343 |
| X — Excursão a Maués e seus arredores | 377 |
| XI — Volta a Manaus. Excursão ao Rio Negro. Partida. | 401 |
| XII — Regresso ao Pará. Excursões no litoral | 433 |
| XIII — História física do Amazonas | 481 |
| XIV — Ceará | 526 |
| XV — O Rio de Janeiro e suas instituições. A Serra dos Orgãos | 553 |

XVI — Impressões gerais 587

APENDICE — I. O “Gulf-Stream” — II.

Peixes voadores — III. Resoluções acla-

madas a bordo do “Colorado” — IV. Es-

trada de Ferro D. Pedro II — V. Per-

manência dos traços característicos das di-

ferentes espécies humanas — VI. Itinerá-

rio das explorações isoladas feitas por di-

versos membros da expedição — VII. “Nota

sobre a geologia do Amazonas” — VIII.

Trechos da correspondência de Agassiz sobre

a sua viagem ao Brasil 611

DADOS BIO-BIBLIOGRÁFICOS 651

PREFÁCIO

No inverno de 1864-1865, senti a saúde tão abalada que os médicos me aconselharam abandonar todo trabalho e mudar de clima. Houve quem lembrasse uma viagem à Europa; mas o interesse que deveria sentir um naturalista em se achar de novo no meio do ativo movimento científico do Velho Mundo constituia justamente um obstáculo. Não era aí que eu deveria procurar repouso para o espírito.

Por outro lado, eu me sentia atraído pelo Brasil por um desejo de quasi toda a minha vida. Aos vinte anos de idade, quando era eu apenas um estudante, Martius encarregou-me, por morte de Spix, da descrição dos peixes colecionados no Brasil por esses dois célebres viajantes. (1) Desde então, veio-me repetidas vezes a idéa de ir estudar aquela fauna no seu próprio país; era um projeto sempre adiado, por falta de ocasião oportuna, mas nunca abandonado. Uma circunstância particular aumentava o atractivo da viagem. O imperador do Brasil, que se interessa profundamente por todos os empreendimentos científicos, havia testemunhado uma viva simpatia pela obra, a que eu me consagrara, da fundação de

(1) Essas descrições foram publicadas em: "Selecta genera et species piscium quas in itinere per Brasiliam annis 1817-1820 collegit et pingendos curavit J. B. de Spix", 1829. (Nota do tr.).

um grande Museu zoológico nos Estados-Unidos; cooperara mesmo para isso, enviando coleções feitas por ordem sua, especialmente para tal fim. Sabia, portanto, que poderia contar com a benevolencia do soberano desse vasto Império em tudo o que dissésse respeito aos meus estudos.

Eram perspectivas bastante sedutoras. Mas, por isso mesmo, eu recuava diante da idéa de realizar uma simples visita de turista ao Brasil. Contando apenas com os meus recursos — que partido poderia tirar das mil e uma oportunidades que se me ofereceriam? — Bem pequeno, sem dúvida. Voltaria do Brasil cheio de recordações agradáveis, mas sem um único resultado científico de importância. E, mais tarde, ficaria sempre me lembrando de que, si não me houvessem faltado os recursos necessários, eu poderia ter trazido dessa viagem numerosas coleções que, instaladas no edificio do nosso Museu, ampliado para recebe-las, colocariam o Museu de Cambridge na altura das primeiras instituições do género!

Dominavam-me essas preocupações, quando, por acaso, encontrei Nathaniel Thayer, em quem sempre encontrei um bemfeitor solícito das ciências. Certamente que não me ocorreria a idéa de invocar o seu apoio para a realização de um projeto tão consideravel; mas foi dele que partiu a iniciativa. Tendo escutado com vivo interesse a exposição dos meus planos de viagem, disse-me: “O Sr. não ha-de deixar de dar um cunho científico a essa excursão. Leve consigo seis auxiliares, gente moça, que eu me encarregarei das despesas com eles e com toda a expedição”. Isso foi dito com tanta simplicidade, a oferta era tão generosa, que, no primeiro momento, custei a acreditar que tivesse compreendido bem. Os acontecimentos me demonstraram, em seguida, de que fôrma larga e liberal o meu interlocutor compreendia o seu compromisso de custear a expedição. Como se dá sempre em seme-

lhantes casos, a nossa expedição, no ponto de vista pecuniário, como em todos os outros, levou-nos muito além do previsto. Ora, não somente Thayer proveu com a máxima largueza a todas as necessidades dos meus auxiliares, como também não cessou de fornecer todas as quantias necessárias até que o último espécimen fosse instalado no Museu, e, ao fecharmos as contas da expedição, indagou-me insistentemente si não ficara alguma despesa adicional a saldar. São minúcias, parece-me, que convem trazer ao conhecimento do público. Disso só poderiam resultar benefícios. Tenho-me por justificado, portanto, registrar aqui semelhante rasgo de munificência, o qual foi feito com tão pouca ostentação que poderia ter ficado para sempre desconhecido.

Ficaram afastados, assim, todos os obstáculos e fia os meus preparativos de viagem o mais rápido possível, depois de indicar para me acompanharem as seguintes pessoas: Jacques Burkhardt, desenhista; John G. Anthony, conchiologista; Frederico C. Hartt e Orestes Saint-John, geólogos; John A. Allen, ornitologista e George Sceva, preparador. A nossa pequenina sociedade foi aumentada pela adjunção ainda de alguns voluntários, Newton Dexter, William James, Edward Copeland, Thomas Ward, Walter Hunnewell e S. V. R. Thayer, (2) cujo concurso, por ser espontâneo, não deixou de ser muito ativo e eficiente. Não devo esquecer de incluir, também, no número dos meus auxiliares, Thomas G. Cary, meu cunhado; sem fazer parte da expedição, fez para mim

(2) Dos auxiliares da expedição Agassiz, dois, principalmente, se destacaram: Charles Fred. HARTT, que voltando ao Brasil, deu à publicidade, além de muitas obras, a "Geology and Physical Geography of Brazil" e dirigiu a Expedição Morgan (1870-71), trazendo-nos de sua patria Orville Derby, mestre de uma geração de geólogos brasileiros, cuja



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

SITE: bv.cultura.am.gov.br



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**